

CAPÍTULO 2

ECOSSISTEMAS AGTECH NO BRASIL: LOCALIZAÇÃO, CARACTERIZAÇÃO E ATORES ENVOLVIDOS¹

Data de submissão: 20/01/2025

Data de aceite: 05/03/2025

Martha Delphino Bambini

Mestre e Doutora em Política Científica e Tecnológica (IG/Unicamp), é Especialista em Administração de Empresas pela FGV-SP e possui graduação em Engenharia Química pela Universidade Estadual de Campinas (FEQ/Unicamp). É Analista de Inovação na Embrapa Agricultura Digital, atuando nas áreas de Inovação Aberta, articulação de parcerias e relacionamento com startups e ecossistemas de Inovação e empreendedorismo. É membro do Observatório de Agricultura Digital da Embrapa e integra a equipe técnica do mapeamento Radar Agtech Brasil desenvolvido em parceria pela Embrapa, Homo Ludens e SP Ventures desde 2019. Seus principais temas de pesquisa são: Agricultura Digital; Inovação Agropecuária; Ecossistemas de Inovação; startups Agtech e Estudos Prospectivos

Maria Beatriz Machado Bonacelli

Professora Livre-docente do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Política Científica e Tecnológica (DPCT/IG/Unicamp), com várias passagens em cargos de direção na universidade. As principais linhas e temas de pesquisa são Economia da Tecnologia e da Inovação; Planejamento e

Gestão em CT&I; Relação Universidade-Sociedade

É graduada e doutora em Ciências Econômicas pela Unicamp e pela Université des Sciences Sociales de Toulouse, França, respectivamente, com especialização em Economia do Sistema Agroalimentar na Itália. É Pesquisadora Associada do Grupo de Estudos sobre Organização da Pesquisa e da Inovação (GEOPI/DPCT) e do INCT – PPED (Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento). É presidente da Comissão de Avaliação do Contrato de Gestão entre o CNPEM (Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais) e o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. Participou da elaboração do Plano Diretor de CT&I do Estado de São Paulo entre 2014-2015. Ganhadora, em 2016, do 58º Prêmio Jabuti, 2º lugar na Categoria Economia e Administração com a obra “Propriedade Intelectual e Inovações na Agricultura”, organizada conjuntamente com Antônio Márcio Buainain e Cássia Mendes

1. Uma primeira versão deste capítulo foi publicado no WORKSHOP ANPROTEC; INNOVATION SUMMIT BRASIL, realizado em Florianópolis, em 2019.

RESUMO: **Objetivo:** A partir de 2010, a sigla Agtech, que se refere à expressão “tecnologia agrícola”, vem sendo utilizada para nomear empresas nascentes de base tecnológica agrícola atuando em diversos campos, como biotecnologia, internet das coisas, inteligência artificial e plataformas para comercialização. O termo também é empregado para caracterizar um novo setor econômico emergente com potencial para transformar o setor agropecuário, incrementando a produtividade e reduzindo custos ambientais e sociais. O termo Agtech também vem sendo associado à aplicação da recente abordagem de ecossistemas de inovação ao contexto agropecuário. As startups Agtech têm importante papel neste ambiente, interagindo com produtores agropecuários, Instituições de Ensino, Centros de Pesquisa, investidores, grandes empresas e organizações de apoio à inovação para gerar novas tecnologias e modelos de negócios disruptivos. Alguns países são conhecidos por seus ecossistemas Agtech como: Estados Unidos, Israel, Austrália, Canadá e China. No Brasil, vários ecossistemas Agtech coexistem, com diferentes níveis de organização, maturidade e resultados. Municípios como Piracicaba (SP), Cuiabá (MT) e Londrina (PR) vêm se destacando e outros locais apresentam grande potencial de desenvolvimento. Este trabalho mapeou os principais ecossistemas de inovação agrícola no Brasil, caracterizando-os e identificando os atores que deles participam. **Metodologia:** Abordagem exploratória e qualitativa. **Resultados alcançados:** O artigo apresenta um panorama sobre os ecossistemas de inovação agropecuária no Brasil e suas características, considerando as 5 regiões do país. Estudos preliminares indicam que cerca de 90% das startups Agtech estão localizadas nos estados do Sul e Sudeste, e mais da metade está situada no Estado de São Paulo. O estudo também identificou ecossistemas agtechs nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, que possuem grande potencial para promover o desenvolvimento regional. **Limitações práticas:** Alguns desafios existentes são a inexistência de informações organizadas sobre os ecossistemas bem como a grande acelerada do ciclo de vida das startups. **Impactos na sociedade:** A significância da agropecuária na economia brasileira e o seu histórico de resultados positivos na adoção de novas tecnologias, reforçam uma expectativa de grande potencial de negócios para startups Agtech no país e, neste contexto, um mapeamento dos ecossistemas existentes pode contribuir para seu fortalecimento. **Originalidade do trabalho:** Os estudos acadêmicos encontrados abordam localidades específicas ou abordagens nacionais, ou então não especificam atores de inovação com foco em agropecuária. Esta pesquisa se destaca ao apresentar um panorama dos principais ecossistemas Agtech brasileiros e oferecer uma análise macro que pode contribuir para apoiar políticas públicas de fomento ao empreendedorismo e à inovação.

PALAVRAS-CHAVE: ecossistemas de inovação; agtech; agropecuária; inovação; startups.

AGTECH ECOSYSTEMS IN BRAZIL: LOCATION, CHARACTERIZATION AND ACTORS INVOLVED

ABSTRACT: **Objective:** From 2010 on, the acronym Agtech, which refers to the expression “agricultural technology”, has been used to name agricultural technology based startups operating in various fields, such as biotechnology, internet of things, artificial intelligence and marketing platforms. The term is also used to characterize a new emerging economic sector with potential to transform the agricultural sector, increasing productivity and reducing environmental and social costs. The term Agtech has also been associated with the application

of the recent approach of innovation ecosystems to the agricultural context. Agtech startups play an important role in this environment, interacting with agricultural producers, educational institutions, research centers, investors, large companies and innovation support organizations to generate new technologies and disruptive business models. Some countries are known for their Agtech ecosystems such as the United States, Israel, Australia, Canada and China. In Brazil, several Agtech ecosystems coexist, with different levels of organization, maturity and results. Municipalities such as Piracicaba (SP), Cuiabá (MT) and Londrina (PR) have been highlighting and other places have great potential for development. This work mapped the main agricultural innovation ecosystems in Brazil, characterizing them and identifying the actors that participate in them. **Methodology:** Exploratory and qualitative approach. **Results:** The article presents an overview of the agricultural innovation ecosystems in Brazil and its characteristics, considering the 5 regions of the country. Preliminary studies indicate that about 90% of Agtech startups are located in the southern and southeastern states, and more than half are in the state of São Paulo. The study also identified agtechs ecosystems in the North, Northeast and Center-West regions, which have great potential to promote regional development. **Practical limitations:** Some existing challenges are the lack of organized information on ecosystems as well as the rapid acceleration of the startup life cycle. **Impacts:** The significance of farming in the Brazilian economy and its positive track record in adopting new technologies reinforce an expectation of great business potential for Agtech startups in the country. In this context, mapping existing agtech ecosystems can contribute to their strengthening. **Originality:** The academic studies found address specific localities or national approaches, or do not specify innovation actors focused on agriculture. This research stands out by presenting an overview of the main agtech Brazilian ecosystems and offering a macro analysis that can contribute to support public policies to foster entrepreneurship and innovation.

KEYWORDS: innovation ecosystems; agtech; agriculture; innovation; startups.

INTRODUÇÃO

O Brasil classifica-se hoje como a 10^a economia mundial, representando 2% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial (AUSTIN, 2024). As atividades econômicas do setor agropecuário – ou agronegócio – representa 21,8% do PIB brasileiro², distribuídos entre os segmentos³: insumos (5,1%), agropecuária⁴ (26,8%), indústria (24,0%) e serviços⁵ (44,1%) (CEPEA/CNA (2025).

O Brasil tem um importante papel na oferta global de vegetais e na pecuária (FAO, 2024). Com destaque para a produção de milho, soja e cana de açúcar. Na pecuária, o país é um dos principais produtores de carnes (porco, frango e bovina), leite fresco e ovos.

2. O PIB do agronegócio brasileiro é calculado pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP, em parceria com a CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil).

3. Percentuais estimados por CEPEA/CNA (2025).

4. Somatório dos segmentos agricultura e pecuária.

5. Serviços se referem a 20 atividades relacionadas a transporte, comércio e demais serviços relacionados às atividades de distribuição do agronegócio.

Pode-se dizer que a grande maioria das atividades do setor agropecuário se desenvolve ao ar livre, sendo comparada, algumas vezes a uma “indústria a céu aberto” (Bambini et al., 2023). As atividades de base da agropecuária envolvem a reprodução de seres vivos, afetando o ambiente onde são conduzidas. Variadas dimensões – biológicas, físico-químicas, socioeconômica, ambientais, climáticas e tecnológicas - influenciam seu desenvolvimento e os resultados a serem obtidos. Dentre as especificidades produtivas temos: a sazonalidade; a perecibilidade dos itens produzidos; as várias possibilidades de processos e práticas produtivas a selecionar; a elevada dispersão geográfica e importância da logística para o acesso dos produtos aos diferentes mercados; demanda por rastreabilidade e certificação, entre outras (RAMOS, 2007).

A agropecuária desenvolve-se a partir da reprodução de seres vivos, utilizando fatores de produção calcados em ambiente e recursos naturais, levando a várias especificidades produtivas: sazonalidade; perecibilidade de produtos; várias possibilidades de processos e práticas produtivas a selecionar; elevada dispersão geográfica e importância da logística para o acesso dos produtos aos diferentes mercados; demanda por rastreabilidade e certificação, entre outras (RAMOS, 2007). A grande variedade de fatores que influenciam a agropecuária, associada à a inter-relação entre eles, gera um forte componente de incerteza e riscos relacionados a produção. Um vetor importante na mitigação destes riscos é a adoção de novas tecnologias a fim de reduzir perdas, aumentar a rentabilidade e garantir a sustentabilidade do setor.

Adicionalmente, vale destacar que a agropecuária é conduzida em áreas dispersas. Quando se pensa no contexto de uma grande propriedade, as atividades são desenvolvidas geralmente em localidades distantes do centro das cidades, com menor oferta de infraestrutura, seja eletricidade, transporte e logística ou conectividade (OECD, 2019). Adicionalmente, quando se considera a escala das cadeias produtivas, as atividades de produção agropecuária de um mesmo cultivo ou criação são desenvolvidas em diferentes regiões geográficas do país com grande variação de solo, clima e condições socioprodutivas distintas.

Esta grande variedade de fatores que influenciam a agropecuária, associada à a inter-relação entre eles, gera um forte componente de incerteza e riscos relacionados a produção.

Gasques et al. (2022) evidenciam que a mudança tecnológica é um fator determinante para garantir o crescimento sustentável do setor agropecuário. Os ganhos de produtividade têm sido responsáveis por cerca de 80% do crescimento da produção agrícola brasileira, analisando o período entre 1976 e 2016, motivados, em grande parte, por políticas setoriais e investimento em pesquisa e desenvolvimento (público e privado), que levaram ao desenvolvimento de novos sistemas produtivos e a adoção de boas práticas e tecnologias como máquinas, equipamentos e sementes (GASQUES et al., 2018);

Também os desafios previstos para a agropecuária no futuro apontam para a necessidade de aumento da produtividade e promoção da sustentabilidade do setor. Dentre os desafios globais do setor, destacam-se: alimentar uma crescente população com maior poder aquisitivo; oferecer renda para os atores das cadeias de abastecimento alimentar; e contribuir para a sustentabilidade ambiental e para a mitigação de mudanças climáticas globais, assim como quebras de abastecimento e altas de preço provocadas por conflitos armados (OECD,2021; FAO, 2023).

Entende-se que o incentivo ao desenvolvimento científico e tecnológico, seria a estratégia mais promissora para enfrentamento dos desafios previstos. Neste sentido, vários campos científicos vêm sendo combinados - como nanotecnologia, biotecnologia, biologia sintética, genética e bioinformática, tecnologia da informação e ciência cognitiva – de forma convergente, para a criação de produtos e processos disruptivos e de alto impacto na agropecuária (EMBRAPA,2018).

O termo Agtech, acrônimo de “tecnologia agrícola” em inglês, passou a ser empregado com mais intensidade desde 2010, para designar vários objetos diferentes. Agtech é uma expressão utilizada para nomear o amplo conjunto de novas tecnologias que são e serão empregadas para fazer face aos desafios previstos para o setor agropecuário, conforme anteriormente indicado. *AgriFoodTech* é uma outra nomenclatura para fazer referência à promoção de inovações disruptivas de uma forma mais abrangente, incluindo tanto o segmento agropecuário quanto o alimentício (AGFUNDER, 2019).

O termo Agtech também vem sendo associado à recente abordagem de ecossistemas de inovação agrícola. O objetivo deste trabalho é mapear os principais ecossistemas de inovação agrícola no Brasil, caracterizando-os e identificando os atores que deles participam. A próxima seção apresenta a revisão de literatura. Na sequência são apresentados: a metodologia empregada no estudo; os resultados encontrados, e as conclusões. Ao final do documento estão as tabelas de consolidação do mapeamento, na forma de apêndices.

REVISÃO DE LITERATURA: ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO AGRÍCOLA E CONCEITOS ASSOCIADOS

O conceito de “ecossistema” foi desenvolvido no campo dos estudos de ecologia por Tansley (1935), definido como um sistema formado por organismos biológicos e fatores físicos relacionados ao ambiente (como solo e clima), bem como as influências da ação humana. Esta perspectiva considera um constante intercâmbio entre os elementos biológicos, orgânicos e inorgânicos de um ecossistema e considera que este se torna gradualmente mais integrado e delicadamente ajustado, em um estado de equilíbrio dinâmico, consideradas algumas condições e componentes presentes.

Na década de 1990, o termo “ecossistemas de negócios” passou a ser empregado em estudos de administração para sistematizar a estratégia que as empresas estabelecem, relacionando-se com outras e com seu entorno, a fim de se desenvolverem de forma exitosa. Moore (1993) enfatizava a estratégia empresarial, considerando que as empresas se inserem em ecossistemas de negócios que permeiam vários setores econômicos. Segundo autor, no âmbito de um ecossistema de negócios, as capacidades das empresas co-evoluem pelo trabalho colaborativo e, ao mesmo tempo, competitivo, visando apoiar novos produtos, satisfazer as necessidades dos clientes e eventualmente incorporar uma nova rodada de inovações. O autor apresenta quatro estágios de evolução de ecossistemas de negócios – nascimento, expansão, liderança e renovação – que nem sempre ocorrem de forma muito clara e distinta, o que representa um desafio para a atuação dos gestores empresariais.

Mais recentemente, foram desenvolvidos estudos relacionados a “ecossistemas de empreendedorismo”, descrevendo processos dinâmicos locais de social, institucional e cultural, desenvolvidos por atores que incentivam e fortalecem o crescimento de novos empreendimentos, conforme Malecki (2017). Neste sentido, algumas abordagens ressaltam o ecossistema empreendedor desenvolvido no entorno de grandes universidades (FETTERS et al., 2010), enquanto outras enfatizam o protagonismo dos empreendedores em influenciar seu ecossistema (FELD, 2012).

Autio e Thomas (2014) definem “ecossistema de inovação” aos processos de desenvolvimento, disseminação e consolidação de inovações oferece uma metáfora interessante para descrever processos de interações e relacionamentos desenvolvidos por conjuntos de organizações interconectadas, desenvolvendo em processos de especialização, co-evolução, co-criação de valor. Gomes et al. (2018) enfatizam a perspectiva da criação conjunta de valor, a partir de um conjunto de atores interconectados e interdependentes (que podem ser empresas locais, clientes, fornecedores, centros de inovação e instituições).

O conceito de Ecossistema de Inovação Agrícola vem sendo empregado para estudar a geração de novos conhecimentos, tecnologias e inovação para o setor agropecuário (PIGFORD et al., 2018), considerando formas de estimular a inovação a partir de múltiplos atores e setores e suportar processos de transição para sistemas agrícolas sustentáveis em várias escalas. Neste contexto, destaca-se o papel das startups de base tecnológica agrícola – Agtechs – na oferta e disseminação de tecnologias e inovações para os produtores, utilizando-se de novos modelos de negócios, e na interação com Instituições de Ensino, Centros de Pesquisa, investidores, grandes corporações e outras organizações de apoio à inovação.

Para os fins deste trabalho, os ecossistemas Agtech brasileiros foram equiparados ao conceito de Ambientes de Inovação (AUDY e PIQUÉ, 2016) formados por duas dimensões - uma área de inovação e por mecanismos de geração de empreendimentos – bem como várias categorias de atores que interagem no âmbito destas dimensões.

A área de inovação se refere aos múltiplos espaços onde se manifestam as atividades inovativas. Nesta pesquisa, considerou-se como área de inovação, os municípios brasileiros e seu entorno, a partir da aglomeração de diferentes atores, como corporações, startups baseadas em tecnologia agrícola, universidades e centros de pesquisa, investidores, fundações, governos e a sociedade local, para favorecer o crescimento da inovação. Os mecanismos geradores de inovação também fazem parte de ecossistemas Agtechs, representados por: incubadoras e aceleradoras de empresas, *coworkings*, *living labs*, entre outros.

Nesta pesquisa, foram considerados também considerados os recursos regionais de cada localidade, considerados como os *inputs* para o desenvolvimento do local, formando as fundações de suas capacidades dinâmicas locais, que são as competências de uma cidade ou região em responder ou antecipar mudanças que ocorrem na economia atual (SOTARAUTA, 2004). O autor considera que as capacidades dinâmicas de uma região permitem que esta possa reconfigurar sua base de recursos (infraestrutura, atores e ativos disponíveis), adaptando-se ao ambiente que se modifica e se desenvolver como um local atrativo, de forma a promover o desenvolvimento econômico e social.

A categorização dos atores presentes nos ecossistemas Agtech inspirou-se na abordagem de Rajalahti (2012) em identificar os principais stakeholders envolvidos em processos de inovação agrícola, a saber: produtores agropecuários; sistema educacional e de capacitação; sistema de pesquisa agropecuária; organismos de fomento à pesquisa e inovação; agências de crédito; sistema de extensão rural e assistência técnica; empresas fornecedoras de insumos, equipamentos e serviços; organizações de produtores, de empresas; agro processadores; exportadores; instituições governamentais; e consumidores finais.

METODOLOGIA

A pesquisa teve caráter exploratório e enfoque qualitativo, com elementos quantitativos, e foi desenvolvida a partir de múltiplas fontes de informação. As principais fontes consultadas foram: bases de trabalhos acadêmicos; documentos técnicos, como relatórios elaborados por empresas de consultoria e investidores; e a base de dados de startups agtech consolidada pela investidora SPVentures, em parceria com a consultoria Homo Ludens e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa (SPVENTURES et al., 2019), com informações quantitativas sobre as startups em uma abordagem AgriFoodTech. Esta base contempla cerca 800 de agtechs atuando no Brasil nos seguintes segmentos: insumos, produção agropecuária, distribuição e logística, produtos alimentícios e restaurantes. Tendo em vista a grande dinamicidade do ciclo de vida das startups, optou-se por uma análise quantitativa percentual no âmbito das macrorregiões brasileiras - Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul – destacando os municípios com maior

concentração de startups Agtech em cada Estado. Esta ação visou obter um indicativo da distribuição da atividade empreendedora de base tecnológica agroalimentar no território brasileiro.

A partir da identificação dos municípios e estados de localização, foi conduzida pesquisa documental, para mapear os principais ecossistemas de inovação agrícola no Brasil, a partir de seus elementos: áreas de inovação; mecanismos geradores de empreendimentos e recursos regionais, conforme a estrutura conceitual estabelecida, apresentada na Figura 1.

Ecossistemas Agtech = Ambientes de Inovação e sua base de recursos regionais

Áreas de inovação

Parque científicos e tecnológicos,
Comunidades empreendedoras, municípios
com vocação tecnológica agrícola

Mecanismos geradores de inovação

Incubadoras e aceleradoras de empresas,
coworkings, living labs, etc.

Recursos regionais e Atores Agtech

- Produtores; startups Agtech; empresas de médio e pequeno porte e *Big Ags*;
- Inst. de Ensino e Centros de pesquisa com foco em ciências agrárias e engenharias;
- Extensão rural e assistência técnica;
- Capital financeiro disponível seja via fundos de desenvolvimento regional, capital de risco, fomento à pesquisa;
- Capital humano formado;
- Instituições governamentais definindo políticas públicas e regulação.

Autoria própria a partir de Sotarauta (2004), Rajalahti (2012), Audy e Piqué (2016)

Figura 1. Abordagem conceitual utilizada no mapeamento Agtech Brasil

Os principais documentos consultados foram: websites de entidades que promovem empreendedorismo e inovação como a Associação Brasileira de Startups (ABS, 2019); Startse (2019), Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC, 2019); e estudos elaborados por empresas de consultoria e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Panorama global do segmento Agtech e seus players

O setor agroalimentar passa por uma nova revolução tecnológica, uma vez que os desafios demográficos, ambientais e de consumo que se afiguram, evidenciam o papel das novas tecnologias como estratégia de construção de um futuro viável.

O relatório da consultoria Delloite (2016) destaca que vários países estão passando

por uma revolução agrícola 4.0 como os Estados Unidos, Israel, China e Índia, com investimentos sendo realizados em vários segmentos desde plataformas de comercialização e alimentos até campos tecnológicos emergentes. O relatório da AgFunder (2019) destaca ainda os mercados agtech do Brasil, Reino Unido, Austrália, Irlanda, Albânia e Romênia, países com participação importante de atividades agropecuárias importantes no âmbito de suas economias.

O termo agtech vem sendo empregado para caracterizar um novo setor econômico emergente com potencial para transformar o setor agropecuário, incrementando a produtividade e reduzindo custos ambientais e sociais (DUTIA, 2014). Este segmento envolve startups e grandes corporações cuja atuação seja embasada pelo uso intensivo de tecnologias agropecuárias no oferecimento de produtos e serviços, bem como no desenvolvimento de novos modelos de negócios, oferecidos para os atores do setor agropecuário.

Empresas nascentes de base tecnológica agrícola são chamadas startups agtech, e vem ofertando produtos e serviços relacionados a diversos campos científicos e tecnológicos, aplicados a diferentes cadeias produtivas e sob novas formas de distribuição e comercialização. Leclerc e Tilney (2016) destacam que houve um ponto de inflexão no desenvolvimento das startups agtech a partir de 2013, com um grande aumento dos investimentos no setor, seja pela participação de investidores de risco em startups nascentes ou pela compra de empresas iniciantes por grandes multinacionais do setor agropecuário, as chamadas de *Big Ags* (MAYER, 2016).

Vale destacar que o setor corporativo mundial de agroquímicos passou – entre os anos de 2015 e 2016 - por um movimento de reorganização e concentração (DECONINCK, 2019). Sete grandes grupos internacionais tornaram-se quatro grandes conglomerados - Bayer/Monsanto, Dow/Dupont, Syngenta/ChemChina e Basf, que passaram a ter maior força para exercer pressões e estabelecer condições comerciais junto aos produtores. Mas, ao mesmo tempo, este processo fez com que estas corporações reduzissem ainda mais sua agilidade para o desenvolvimento de novas tecnologias agropecuárias, gerando uma forte motivação para investir ou adquirir empresas nascentes de base tecnológica.

O ano de 2013 foi um divisor de águas com a aquisição da empresa de análise e gerenciamento de risco climático, a *Climate Corporation*, pela Monsanto (o primeiro unicórnio deste segmento). Outras aquisições de destaque: em 2015, a aquisição da *Weather Company* pela IBM; em 2017, a compra da *Blue River* pela John Deere e da *Granular* pela DuPont Pioneer; e em 2018, a aquisição da *Strider* e da *FarmShots* pela Syngenta e a compra da Antelliq pela Merck.

O termo Agtech também vem sendo associado à aplicação da recente abordagem de ecossistemas de inovação ao contexto agropecuário, formados para desenvolver e comercializar tecnologias e inovações agrícolas - ecossistemas Agtech (KIMLE, 2018). As startups Agtech são atores essenciais nestes ecossistemas, juntamente com: universidades

de ponta em ciência e tecnologia; outras empresas privadas envolvidas com o mercado agropecuário; investidores de risco e instituições de fomento à pesquisa; entidades públicas e privadas atuando para desenvolver e difundir tecnologia agrícola; mecanismos geradores de empreendimentos (como incubadoras e aceleradoras de empresas); comunidades de incentivo à cultura empreendedora.

Agtech Brasil

O Brasil é um país de dimensões continentais, ocupando um território que corresponde a 80% da Europa. A ocupação do seu território foi influenciada pelo desenvolvimento de atividades econômicas (como comércio, agropecuária, geração de energia e mineração), pela forma de organização da sociedade e costumes e pelos investimentos realizados em infraestrutura de energia, transportes e tecnologia (SILVA e SILVA, 2018).

O padrão de desenvolvimento agropecuário foi influenciado pelas condições naturais de cada região (relevo, clima, disponibilidade de água) bem como pela demanda do mercado internacional. Guimarães (2016) destaca os vários empreendimentos agropecuários extensivos que atuaram para conformar o espaço rural brasileiro: cana-de-açúcar, a pecuária, algodão, cacau e tabaco e café. De forma pouco sustentável, cada um destes ciclos envolveu processos de aumentos de área cultivada associada à concentração de propriedade.

Assim, cada região brasileira apresenta especificidades quanto aos produtos agropecuários produzidos, sua forma de produção, e sobre os recursos regionais para inovação agrícola estabelecidos em seu território.

O mapeamento dos atores envolvidos em ecossistemas de inovação agrícola identificou várias organizações com papel relevante para o desenvolvimento Agtech, com capilaridade nacional: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2019); Sistema SENAI-SESI-IEL: formado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Social da Indústria (SESI) e Instituto Euvaldo Lodi (IEL) (SESI/DN, 2018); Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (REDE FEDERAL, 2019); as Unidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2019) destacadas nas análises regionais; e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR, 2019).

A Rede de Extensão Rural Pública, vinculada aos governos estaduais está presente em todo o país (ASBRAER, 2019). No entanto, com recursos financeiros e humanos decrescentes desde a década de 1990, quando foi extinta a Embrater, a rede de extensão não tem pessoal capacitado para transferência de tecnologias emergentes aos produtores. Um instrumento importante recente é a agência federal Anater (2019) que visa implementar programas de assistência técnica e extensão rural por meio de parcerias com as empresas estaduais de extensão, a partir de transferência de recursos por editais.

Alguns exemplos de programas promovidos para incentivar e acelerar o empreendedorismo agtech por atores privados e públicos são: AgroStart (BASF); Grants4Treits da Bayer; Scale-Up Agrotech (Endeavor); Germinar (M. Dias Branco); AgroExponencial (SLC Agricola); Startup Agrotech (Sebrae). A Embrapa também vem promovendo alguns programas como: *Ideas for Milk*, Vacathon, Inova Pork, Open Innovation para startups e Pontes para a Inovação.

A seguir, estão apresentados os resultados obtidos no estudo de mapeamento.

Região Norte

A região Norte agrupa cerca de 1% das agtechs mapeadas, localizadas principalmente nos estados de Amazonas, Pará, Rondônia e Tocantins, destacando-se, este último com startups agtech localizadas em vários municípios, conforme a Tabela 1.

Região	Cidade	Quant. Agtechs	% do total
NORTE	Manaus/AM	2	1,25%
	Belém/PA	2	
	Vilhena/RO	1	
	Araguaína/TO	1	
	Gurupi/ TO	1	
	Paraiso do Tocantins/ TO	1	
	Paranã/ TO	1	
	Porto Nacional/ TO	1	

Tabela 1: Municípios da Região Norte, em ordem de presença agtechs

Fonte: SPVentures et al. (2019)

Vale lembrar que a região Norte possui uma baixa densidade populacional com 45,26% da área total do país e apenas 8,3% dos habitantes (IBGE, 2019). A região contribui com 6% do PIB do país, com atividades agropecuárias e extractivas e poucas indústrias, grande parte delas vinculada ao polo de Manaus. Não foram encontradas startups agtech no Acre, Amapá e Roraima.

De maneira geral, as agtechs da região norte, atuam em segmentos mais voltados para o setor de alimentação e comercialização, com pouca atuação em produção agropecuária. Tendo em vista que, a economia agrícola da região seja caracterizada pela criação de bovinos e bubalinos e pelo cultivo de soja, mandioca, milho, café, arroz (entre outros), entende-se que existe um potencial para exploração de tecnologias e inovações relacionadas ao setor produtivo.

Os Estados do Amazonas e do Pará apresentam grande quantidade de recursos de conhecimento instalados como centros de pesquisas, unidades da Embrapa, universidade e institutos federais, e mecanismos geradores de novos empreendimentos como espaços flexíveis de trabalho, incubadoras, aceleradoras e comunidades de startups. No entanto,

o estado de maior destaque em empreendedorismo Agtech foi o Tocantins. Unidade da Federação criada mais recentemente possui vários recursos relacionados a: pesquisa e extensão agrícola; capacitação universitária em campos tecnológicos e de ciências agrárias; e áreas de inovação e mecanismos de geração de empreendimentos com o Parque Tecnológico Pequitec, incubadoras, aceleradoras e promovendo grande quantidade de eventos para estimular o empreendedorismo (inclusive eventos com foco agtech), possuindo a maior quantidade de agtechs instaladas.

Região Nordeste

Uma das principais características do espaço regional nordestino, segundo Guimarães (2016), é a diversidade e heterogeneidade de suas estruturas econômicas, possuindo focos de dinamismo tanto no litoral como em áreas agropastoris no interior. Existe a uma fragmentação da economia territorial, historicamente marcada pela desigualdade socioeconômica.

A pesquisa identificou 2,5% das agtechs na região Nordeste, nos Estados de: Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, conforme a Tabela 2.

Região	Cidade	Quant. Agtechs	% do total
NORDESTE	Salvador/BA	5	2,50%
	Fortaleza-Eusébio/CE	5	
	Recife/PE	3	
	Natal/RN	3	
	Teresina/PI	2	
	Cajueiro/AL	1	
	Caruaru/PE	1	

Tabela 2: Municípios da Região Nordeste, em ordem de presença agtechs

Fonte: SPVentures et al. (2019)

Destaca-se o Estado do Ceará em quantidade de institutos de ensino e pesquisa, recursos regionais com foco no setor agropecuário bem como mecanismos geradores de empreendimentos e comunidades de startups. No entanto, esta infraestrutura não está refletida quantidade de agtechs. O polo de Recife, apesar de tradicionalmente bem estruturado e com infraestrutura empreendedora estabelecida, também não apresentou grande número de agtechs.

Em Teresina, no Piauí, foram identificados vários eventos de promoção de cultura empreendedora, mecanismos geradores de empreendimentos e comunidade de startups estruturada, o que foi inesperado, considerando possuir recursos de pesquisa científica e ensino em quantidades bem menores. Foram identificadas na cidade algumas agtechs, que representam 5% da comunidade local Cajuína Valley.

Região Centro-Oeste

Conhecida como a fronteira agrícola do país, a economia da região Centro-Oeste está baseada na produção e grãos e fibras em grandes propriedades com foco comercial e exportador (CHADDAD, 2016). O Centro-Oeste, formado por Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, representa hoje 19% do território do país e 7% da população, concentrando 32% da área ocupada por propriedades rurais (IBGE, 2019).

O Centro-Oeste possui grande quantidade de recursos de conhecimento como: universidades federais e estaduais, vários campi do Instituto Federal e 10 unidades de pesquisa da Embrapa bem como sua sede administrativa, em Brasília (DF). Os centros de pesquisa da Embrapa se dividem em: Distrito Federal (Agroenergia, Café, Cerrados, Hortaliças e Recursos Genéticos e Biotecnologia); Mato Grosso do Sul (Agropecuária Oeste, Gado de Corte e Pantanal); Mato Grosso (Embrapa Agrossilvipastoril) e Goiás (Arroz e Feijão). Os estados possuem ainda significativa infraestrutura de pesquisa e extensão rural, mais fortalecida do que no norte e nordeste do país.

Foram identificadas, no Centro-Oeste, cerca 61 agtechs, 7,6% do total de startups. Percentualmente, a região possui uma participação maior do que as anteriores, com as agtechs distribuídas em 14 cidades, destacando-se Goiânia, Campo Grande, Cuiabá e Brasília, conforme a Tabela 3.

Região	Cidade	Quant. Agtechs	% do total
CENTRO-OESTE	Goiânia/GO	14	1,75%
	Campo Grande/MS	13	1,62%
	Cuiabá/MT	10	1,25%
	Brasília/DF	10	1,25%
	Dourados/MS	3	0,37%
	Rondonópolis/MT	3	0,37%
	Campo Novo do Parcís/MT	1	0,12%
	Sinop/MT	1	0,12%
	Água Boa/MT	1	0,12%
	Jataí/GO	1	0,12%
	Rio Verde/GO	1	0,12%
	Pirenópolis/GO	1	0,12%
	Nova Veneza/GO	1	0,12%
	Sorriso/MT	1	0,12%

Tabela 3: Municípios da Região Centro-Oeste em ordem de presença agtechs

Fonte: SPVentures et al. (2019)

Destaca-se a estrutura de áreas de inovação e mecanismos geradores de empreendimentos, com a presença de parques tecnológicos, espaços de trabalho e colaboração, incubadoras, aceleradoras e comunidades de startups como: StartUp (Cuiabá), HubNorte (Sinop), Roncador Valley: Startup Go, Comunidade Jataí, Liga de

empreendedorismo UEG, StartupMS. A região promove também muitos eventos de estímulo ao empreendedorismo, como Startup Weekend, Sebrae Startup Day, *talks*, *meetup*, *hackathons* e *bootcamps*. Tendo em vista a relevância econômica do setor agropecuário na região, são promovidas feiras e exposições de grande porte.

Vale mencionar que o polo de Cuiabá tem se destacado em aparições na mídia, com a presença do projeto Agrihub (rede de inovação em agricultura e pecuária) articulada por organizações locais como a Famato (Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de Mato Grosso) e o IMEA (Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária). A ação deste hub visa a promoção do ecossistema agtech do Estado do Mato Grosso com a promoção e eventos como o Summit AgriHub, entre outras atividades.

Região Sudeste

A região Sudeste, formada pelos Estados de Espírito Santo, Moinas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, é considerada a mais rica e industrializada, correspondendo a mais de 55% do PIB do país. Nesta região localizam-se 66% das agtechs, sendo que 10% delas está na cidade de São Paulo, maior centro de negócios da América Latina. As principais cidades do Sudeste, em ordem de quantidade de agtechs, estão apresentadas na Tabela 4.

Região	Cidade	Quant. Agtechs	% do total
SUDESTE	São Paulo Capital	82	10,2%
	Piracicaba/SP	39	4,9%
	Ribeirão Preto/ SP	32	4,0%
	Campinas/SP	30	3,7%
	Rio de Janeiro/RJ	18	2,2%
	Uberlândia/ MG	18	2,2%
	Belo Horizonte/ MG	17	2,1%
	São José dos Campos/SP	15	1,9%
	São Carlos/ SP	12	1,5%

Tabela 4: Municípios da Região Sudeste em ordem de presença agtechs

Fonte: SPVentures et al. (2019)

A agropecuária da região Sudeste caracteriza-se por culturas orientadas para exportação e um agronegócio verticalizado (CHADDAD, 2016). Os principais produtos são: cana-de-açúcar, café, algodão, milho, mandioca, arroz, feijão e frutas. O maior rebanho encontrado é de bovinos - o estado de Minas Gerais é o principal criador – mas existem também criações de suínos e equinos.

Uberlândia, é a segunda cidade do Estado Minas Gerais, em população, com cerca de 670 mil habitantes e possuindo elevado PIB Per Capita. A produção pecuária é relevante para a economia da cidade assim como a produção de leite. Várias grandes

corporações do agronegócio estão presentes como Cargill e Monsanto. A cidade possui estrutura de apoio à inovação como incubadoras, a aceleradora da Algar, vários grupos e a comunidade de startups Uberhub, com a promoção de vários programas de incentivo ao empreendedorismo. As startups da cidade atuam com tecnologia de informação, drones, economia compartilhada. As startups tem, na cidade, acesso a rede de investidores (Algar Ventures, Cedro Finances, FCJ Triângulo, ISF Investimentos).

Belo Horizonte, capital do Estado de Minhas Gerais, é um importante polo de tecnologia, conhecido por seu San Pedro Valley. O nome se refere ao bairro São Pedro, localizado na Zona Sul de Belo Horizonte, que, desde 2011, e passou a abrigar empreendedores e profissionais de design, marketing, tecnologia, comunicação e áreas relacionadas. A cidade possui importantes centros de ensino e pesquisa, e um importante polo de tecnologia de informação, com a sede da Google localizada na cidade.

Em relação ao Estado de São Paulo, vale notar que possui 154 organizações públicas e privadas atuando junto ao ensino superior e pesquisa em áreas relacionadas às Ciências Agrárias (FIRETTI, OLIVEIRA e BONACELLI, 2016) bem como importantes centros tecnológicos atuando em vários campos científicos como: aeroespacial, nanotecnologia, saúde e tecnologia de informação. Em termos regionais, as instituições estão fortemente concentradas nas cidades de Campinas e São Paulo (30% das instituições). Os segmentos industriais mais intensivos em tecnologia do Estado estão localizados no eixo territorial São José dos Campos - ABC Paulista - São Paulo – Campinas - Ribeirão Preto, que inclui São Carlos, Araraquara e Botucatu (ABDAL et al., 2015). O município de São Carlos, reconhecido como a capital nacional da tecnologia, também pode ser incluído nesta lista. A FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) tem importante papel no fomento ao desenvolvimento tecnológico e inovação das startups do Estado.

A suposição inicial desta pesquisa seria que as agtechs estariam próximas aos mercados agropecuários, centros de pesquisa e outros atores relacionados ao setor agrário. N entanto, a análise quantitativa evidenciou que grande parte das startups agrícolas estão situadas em grandes centros urbanos, ou no seu entorno. Entende-se que a motivação seja de buscar proximidade a polos de conhecimentos e a trocas de experiência empreendedora, estabelecer relacionamentos, garantir acesso a capital e infraestrutura tecnológica. Grandes centros urbanos podem prover também proximidade a fornecedores, a processadores agropecuários, a centros de distribuição e a malha de transporte rodoviário e aéreo.

Mas, ainda que 10% das agtechs do país estejam localizadas na capital do Estado de São Paulo, um grande número delas possui sua sede na capital e filiais mais próximas a seus mercados e a ecossistemas Agtech de seu interesse.

Vale destacar a presença de ecossistemas agtech importantes neste Estado.

O “Vale do Piracicaba” ou Agtech Valley está localizado em Piracicaba, cidade cuja história se associa à da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” da Universidade de São Paulo (ESALQ/USP), ponto de referência em ciência e tecnologia para o agronegócio. Outras instituições de ensino estão presentes no município: Unimep, Fatec, Escola de Engenharia. Importante polo agrícola, em especial associado à cana-de-açúcar, várias organizações lá se estabeleceram como: grupos industriais (como Raízen, Cosan, Caterpillar), centros de pesquisa como CTC e CENA e hubs de inovação, como AgTech Garage/Agtech Coworking, Avance HUB, Pulse Raízen, Usina de Inovação Monte Alegre. A principal incubadora da cidade é a Esalqtec e a cidade possui um parque tecnológico. Recentemente o Sebrae promoveu o programa de aceleração “Startup Agro Digital Piracicaba”. Muitas startups, “nascidas” em outros locais estão se mudando para Piracicaba, ou estabelecendo filiais na cidade.

O município de Ribeirão Preto, localizado no interior do Estado, tem cerca de 680 mil habitantes e elevado PIB per capita. O principal setor de atividade é o comércio, seguido da indústria e por último, da agropecuária. Grandes usinas de cana-de-açúcar estão localizadas no entorno da cidade. Ribeirão Preto atua como um centro importante de interligação tanto comercial quanto técnico-científico pois está próxima dos principais centros universitários e de pesquisa do Estado, com destaque para a área médica, engenharia e alta tecnologia em São Carlos; agronomia, veterinária e zootecnia em Jaboticabal; e zootecnia e engenharia de alimentos em Pirassununga. Possui o Supera Parque Tecnológico e sua Incubadora, e o Movimento Empreende Ribeirão (MOVER) com várias iniciativas de eventos para promover o empreendedorismo.

Campinas é um importante polo de alta tecnologia em computação, engenharias, nanotecnologia e biotecnologia, com grande concentração de institutos de ensino e pesquisa, corporações e startups. Vários atores estão presentes como: a comunidade Campinas Tech, aceleradoras (Baita, Venture Hub, Weme), Incubadoras Incamp e Softex, vários espaços de trabalho colaborativos e Fab Labs. Muitos eventos são promovidos como encontros e meetups, bem como conferências de inovação e empreendedorismo. O Sebrae desenvolve várias ações na cidade. Da mesma forma que em São Paulo, considera-se que muitas agtechs estejam em Campinas pela proximidade com a Unicamp e sua infraestrutura bem como para acessar mercados de interesse com apoio do ecossistema da cidade.

São José dos Campos é um conhecido polo tecnológico aeroespacial, com várias instituições de ensino na cidade e seu entorno: a Fatec, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), a Universidade Estadual Paulista (UNESP Guaratinguetá) e a Universidade de São Paulo (USP Lorena), além de centros de pesquisa como o INPE. Empresas como a Embraer, Airbus, Ericsson, Climatempo, Johnson& Johnson e Suzano também estão na cidade. A estrutura de apoio a inovação conta com o Parque Tecnológico, comunidade ParaybaValley, hub de inovação e incubadoras. Vários eventos são promovidos para desenvolver a cultura empreendedora e para capacitação com foco em programação. A Pela proximidade com a capital, o acesso a capital é facilitado. A maioria das agtechs oriundas de São José dos Campos tem foco no agronegócio, em geral, atuando em tecnologia de informação e geoprocessamento.

Conhecida como a capital nacional da tecnologia, São Carlos é um importante polo tecnológico. Possui um campus da USP, outro da Federal de São Carlos, bem como duas unidades de pesquisa da Embrapa, o que costuma ser um atrativo para agtechs. Estão instalados um Science Park e 4 incubadoras na cidade, bem como espaços flexíveis de trabalho como Wikilab Coworking e ONOVOLAB, e as comunidades Sanca Hub e a Liga de Empreendedorismo São Carlos.

Na análise das áreas de atuação do conjunto das agtechs do Sudeste verifica-se mais aplicações destinadas a cultivos do que a rebanhos (apesar de existir uma relativa porcentagem de aplicações para pecuária) e uma grande maioria de soluções propostas para as atividades produtivas (o chamado segmento “dentro da fazenda”) fortemente embasadas por tecnologia de informação, drones e técnicas de precisão.

Região Sul

No Sul do país, região formada pelos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, estão 23 % das agtechs mapeadas pelo estudo. As principais cidades mapeadas estão apresentadas na Tabela 5.

Região	Cidade	Quant. Agtechs	% do total
SUL	Porto Alegre/ RS	24	3,0%
	Curitiba/PR	21	2,6%
	Londrina/PR	14	1,7%
	Florianópolis/ SC	11	1,4%
	Chapecó/SC	09	1,1%
	Joinville/SC	07	0,9%
	Santa Maria/RS	07	0,9%

Tabela 5: Municípios da Região Sul em ordem de presença agtechs

Fonte: SPVentures et al. (2019)

O setor agropecuário da região Sul é caracterizado por propriedades pequenas, forte influência da colonização alemã e italiana, mercado estruturado por cooperativas e agricultura sob contrato (CHADDAD, 2016). Os principais produtos agrícolas da região são: soja, trigo, tabaco, algodão, cana de açúcar, laranja, uva, café e erva mate. Em pecuária existem criações de gado bovino, gado de leite, ovinos e suínos. A indústria alimentícia e agro processadora é forte, localizada perto da matéria prima, como: laticínios; frigoríficos; indústrias madeireiras (nas zonas de araucária).

O Paraná é um estado fortemente agrícola, cujo sucesso pode ser atribuído pela força de seu sistema de cooperativas, cerca de 77 no Estado. Em Londrina, 2ª cidade do Estado, localiza-se o SRPValley, desenvolvido em torno da Sociedade Rural do Paraná e parceiros. A cidade é um importante polo empreendedor com grande foco no setor agropecuário, com centros de pesquisa, aceleradoras, vários eventos de empreendedorismo e agropecuária, como a ExpoLondrina.

A agricultura de Santa Catarina é diversificada e desenvolvida em pequenas propriedades que possuem elevado acesso a assistência técnica e crédito rural seja via cooperativas ou por produção sob contrato. Uma grande cooperativa localiza-se em Chapecó, uma das cidades que aparece na Tabela 5. Dentre os produtos do estado destacam-se: maçãs, cebolas, suínos e aves, alho, arroz e tabaco.

O Rio Grande do Sul, possui a quinta economia estadual do país, com desenvolvimento concentrado no eixo Porto Alegre–Caxias do Sul. A agropecuária é uma parte importante do PIB gaúcho, e os principais produtos agrícolas são: soja, arroz, milho, mandioca, cana-de-açúcar, laranja e o alho. A pecuária é uma atividade relevante com a criação de rebanhos bovino, ovino, suínos, galináceos. O estado é o segundo maior produtor de leite no Brasil.

A região Sul é pródiga em recursos de conhecimento, infraestrutura tecnológica e de transportes, e possui elevados índices de qualidade de vida. Várias iniciativas empreendedoras vêm se desenvolvendo, com destaque para Florianópolis, um importante centro empreendedor do país. Existem várias comunidades de startups na região: ComunidadeRS (Porto Alegre, Serra, Gramado, Santa Maria, Pelotas, Taquari Valley, Vale dos Sinos); Associação Gaúcha de Startups (AGS); StartupSC; Joinville Startups, Costa Valley; Desbravalley; Redfoot (Londrina e Maringá); Vale do Pinhão; Campos Valley; Sudo Valley e Iguassu Valley.

A análise das agtechs desta região envia um maior foco tecnológico na resolução de problemas das propriedades agrícolas e dos produtores, com aplicação de em especial tecnologias de informação, agricultura de precisão, vants e processamento de imagens; desenvolvimento de genômica e controle biológico e novos alimentos; e criação de soluções em logística, rastreabilidade, serviços financeiros e plataformas de comercialização. O segmento foodtech é percentualmente menor, se comparado ao norte e nordeste.

CONCLUSÕES

Tendo em vista os desafios previstos para o setor agropecuário, existe um grande potencial de negócios e desenvolvimento para startups atuando neste segmento. Esta pesquisa representa uma contribuição original ao estudo dos ecossistemas agtech no Brasil ao oferecer um panorama nacional dos ecossistemas existentes buscando compreender as potencialidades regionais para o desenvolvimento e disseminação de tecnologias agrícolas. O diferencial do estudo é oferecer um panorama nacional, elencando as áreas de inovação, mecanismos geradores de empreendimentos e atores presentes em cada região brasileira.

A pesquisa evidenciou que existe atividade agtech em todas as regiões brasileiras, e, que, apesar das diferenças regionais, existem recursos de conhecimento em tecnologia com aplicação agropecuária em todo o país. A região Norte, que possui malha de transporte limitada e grandes distâncias entre as localidades, com conectividade limitada, apresenta pouca quantidade de startups e estas atuam em menor intensidade tecnológica, explorando pouco o seu mercado agropecuário regional (focando mais em plataformas de comercialização e alimentos).

Na região Nordeste, estados como Pernambuco e Ceará possuem infraestrutura de conhecimento, espaços de inovação e incubadoras, porém isto não se manifesta em uma maior quantidade de agtechs instaladas, indicando que startups talvez busquem outros segmentos de atuação e que o setor agropecuário não está sendo explorado como mercado potencial. Teresina surpreendeu com seu ecossistema de inovação agtech, apesar da pouca infraestrutura de conhecimento estabelecida.

Em geral, percebe-se uma dificuldade em unir as atividades econômicas agropecuárias do Norte e Nordeste ao lançamento de soluções tecnológicas que possam desenvolver o segmento. De maneira geral, a maioria das agtechs analisadas neste estudo possuem um foco generalista, com pouca possibilidade de customização tecnológica vários tipos de cultivos ou criações.

Em relação a estas duas regiões – Norte e Nordeste – espera-se que, se existir a ampliação de uma infraestrutura tecnológica de conectividade a partir de uma estratégia digital do governo Federal, seja possível obter uma maior efetividade e eficiência dos recursos de ciência, tecnologia e inovação lá instalados, no sentido de desenvolver um segmento agtech que atenda as necessidades do setor agropecuário destas regiões.

Outro resultado observado foi uma concentração de agtechs próximas a grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Campinas. Uma inferência interessante seria considerar que as grandes aglomerações possuem um importante papel de articulação uma vez que sediam grandes corporações do setor agropecuário e instituições financeiras (IBGE, 2015) e oferecem infraestrutura tecnológica e proximidade com outros empreendedores, financiadores, eventos e capacitação.

De maneira geral, existem importantes estruturas de fomento e apoio ao empreendedorismo agtech em todas as regiões brasileiras. A fim de fortalecer este segmento, uma estratégia interessante seria aproveitar sinergias, estabelecer relacionamentos e parcerias para fazer melhor uso de seus recursos regionais de inovação e conhecimento, e promover o desenvolvimento do país. Uma iniciativa neste sentido foi estabelecida entre o AgriHUB, de Campo Grande (MS), o Agtech Valley de Piracicaba (SP) e o SRPValley de Londrina (PR) para a criação da plataforma Agtech Brasil, que pode vir a ser um veículo de compartilhamento de conteúdo, oportunidades e mentoria por todos os ecossistemas Agtech brasileiros.

Este trabalho teve como objetivo apresentar e analisar o movimento agtech brasileiro sob uma perspectiva nacional, apresentando tanto os ecossistemas mais conhecidos quanto locais com desenvolvimento potencial de ecossistemas, ainda com recursos e maturidade limitados. No entanto, não foi possível oferecer uma análise mais detalhada de todos os ecossistemas agtech identificados por limitações de espaço e lacunas de informações. Estudos mais aprofundados poderão ser desenvolvidas em trabalhos posteriores.

Este trabalho identificou que existem startups agtech em todas as regiões brasileiras. Tendo em vista a relevância do setor agropecuário para o país, considera-se que o incentivo ao empreendedorismo agtech é relevante tanto no âmbito das políticas públicas como em decisões estratégicas de empresas e fundos de investimento pelo potencial de negócios que representa.

REFERÊNCIAS

- ABDAL, A., TORRES-FREIRE,C., CALLIL, V. A geografia da atividade econômica no Estado de São Paulo: identificando territórios segundo a intensidade de tecnologia e conhecimento. **Revista Estudos de Sociologia**, v. 19, n. 37, 2014.
- ABS - Associação Brasileira de Startups. **StartupBase**. Disponível em: <https://startupbase.com.br/>
- AGFUNDER. **AgriFood Tech: 2018 in Review**. 2019. Disponível em: <https://agfunder.com/research/> Acesso em: 29Abr.2019.
- ANATER - Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. **Apresentação**. Disponível em: <http://www.anater.org/apresentacao.jsp> Acesso em: 29.Mai.2019.
- ANPROTEC - Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores; **Mapa Associados**. Disponível em: <http://anprotec.org.br/site/sobre/associados-anprotec/> Acesso em: 29.Mai.2019.
- ASBRAER - Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural. Associadas. Disponível em: <https://www.asbraer.org.br/index.php/institucional/associadas> Acesso em: 29.Mai.2019.
- AUDY, J., PIQUÉ, J. **Dos parques científicos e tecnológicos aos ecossistemas de inovação: Desenvolvimento social e econômico na sociedade do conhecimento**. Brasília, DF: ANPROTEC, 2016. 26 p.
- AUSTIN Ratings. **Painel macroeconômico projeções 2024/2026**. Dezembro de 2024. Painel Macroeconômico. Disponível em: <https://www.austin.com.br/Utimos-Ratings.html> Acesso em 19jan2025;
- AUTIO, E. e THOMAS, L. D. W. Innovation Ecosystems: Implications for Innovation Management. In: DODGSON, M.; GANN, D.M.; PHILLIPS, N. (Eds) **The Oxford Handbook of Innovation Management**. Oxford: Oxford University Press, 2014. 35p.
- BAMBINI, M. D., LEITE, M. A. DE, OLIVEIRA, S. R. DE M., BONACELLI, M. B. M. Perspectivas da digitalização da agropecuária. **GV-EXECUTIVO** 22, no. 4 , 2023.
- CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada; ESALQ/USP - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"/ Universidade de São Paulo; CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. Acesse aqui a série histórica do PIB do agronegócio brasileiro. **PIB do Agronegócio Brasileiro**. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx> Acesso em 19jan2025.
- CHADDAD, F. **The economics and organization of Brazilian agriculture: recent evolution and productivity gains**. San Diego: Academic Press-Elsevier, 2016. 163p.

DECONINCK, D. From Big Six to Big Four - Seed World. - May 6, 2019. Disponível em: <https://seedworld.com/from-big-six-to-big-four/> Acesso em: 08.mai.2019.

DELOITTE. **From Agriculture to AgTech: An industry transformed beyond molecules and chemicals.** Monitor Delloite Research: 2016. 23p

DUTIA, S. G. Agtech: Challenges And opportunities for sustainable growth. **Innovations: Technology, Governance, Globalization**, v. 9, n. 1-2, 2014. pp. 161-193.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <https://www.embrapa.br/> Acesso em: 08.mai.2019.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Visão 2030: o futuro da agricultura brasileira.** Brasília, DF: Embrapa/SIRE, 2018. 212 p.

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. Agricultural production statistics 2010–2023. **FAOSTAT Analytical Briefs**, No. 96. Rome. 2024.

FAO. **Global food security challenges and its drivers.** Rome, 2023. 15p. Disponível em: <www.fao.org/>. Acesso em: 15 jan. 2024.

FELD, B. **Startup communities: Building an entrepreneurial ecosystem in your city.** Hoboken: John Wiley & Sons, 2012.

FETTERS, M., GREENE, P. G., RICE, M. P. (Eds.). **The development of university-based entrepreneurship ecosystems: Global practices.** Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 2010. 203p.

FIRETTI, R., OLIVEIRA, E. C. de, BONACELLI, M. B. M. Identificação e Mapeamento de Instituições de Ensino Superior e/ou Pesquisa Agrícola no Estado de São Paulo. **Blucher Engineering Proceedings**, 3(4), 2016. pp. 641-652.

GASQUES, J.G.; BASTOS, E.T.; BACCHI, M.R.P.; VIEIRA FILHO, J.E.R. Produtividade total dos fatores na agricultura: Brasil e países selecionados. **IPEA.Texto para discussão** 2764, 2022. 20p.

GASQUES, J.G., BACCHI, M. R. P., BASTOS, E. T. **Crescimento e Produtividade da Agricultura Brasileira de 1975 a 2016.** Brasília: MAPA, 2018. 8p.

GOMES, L. A. DE V., FACIN, A. L. F., SALERNO, M. S., IKENAMI, R. K. Unpacking the innovation ecosystem construct: Evolution, gaps and trends. **Technological Forecasting and Social Change**, 2018. pp.36-48.

GOOGLE TRENDS. Disponível em: <https://trends.google.com/> Acesso em: 29mai.2018.

GUIMARÃES, L. S. P. Evolução do espaço rural brasileiro. In: FIGUEIREDO, A. H. (Org.) **Brasil: uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI.** Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2016. pp. 119-137.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 28 mai.2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Projeto regiões rurais 2015: relatório técnico. Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de Geografia, 2015. 41p.

KIMLE, K. L. **Building an Ecosystem for Agtech Startups.** Economics Technical Reports and White Papers – Economics, 40. Ames, Iowa: Iowa State University, 2018. 12p.

LECLERC, R. TILNEY, M. **AgTech Is The New Queen of Green**. CRUNCH NETWORK. 1st of April, 2015. Disponível em: <https://techcrunch.com/2015/04/01/the-new-queen-of-green/> Acesso em: 22 fev.2018.

MAYER, A. Why You Should Care About 'Big Ag' Companies Getting Bigger. Harvest Public Media. OCT 31, 2016. Disponível em: <https://www.harvestpublicmedia.org/post/why-you-should-care-about-big-ag-companies-getting-bigger> Acesso em: 27 Mai.2019.

MOORE, J. F. Predators and prey: a new ecology of competition. **Harvard business review**, v. 71, n. 3, 1993. pp. 75-86.

OECD. Organization for Economic Co-operation and Development. **Making Better Policies for Food Systems**. Paris, 2021. 279p.

OECD. _____ **Agricultural Policy Monitoring and Evaluation 2019**. Paris: OECD Publishing, 2019.

PIGFORD, A.A. E.; HICKEY, G. M.; KLERKX, L. Beyond agricultural innovation systems? Exploring an agricultural innovation ecosystems approach for niche design and development in sustainability transitions. **Agricultural Systems**, v. 164, 2018. pp. 116-121.

RAJALAHTI, R. Sourcebook Overview and User Guide. In: WORLD BANK. **Agricultural Innovation Systems: An Investment Sourcebook**. Washington (DC): The World Bank, 2012. pp. 1-13.

RAMOS, P. Referencial teórico e analítico sobre a agropecuária brasileira. In: RAMOS, P. (Org.) **Dimensões do agronegócio brasileiro: políticas, instituições e perspectivas**. Brasília: MDA, 2007. pp. 18-47.

REDE FEDERAL de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. **Histórico**. Disponível em: <http://redefederal.mec.gov.br/historico> Acesso em: 29.mai.2019.

SEBRAE - **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresa**. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/conheca_quemsomos Acesso em: 17.mai.2019.

SENAR - **Serviço Nacional de Aprendizagem Rural**. Disponível em: <https://www.cnabrasil.org.br/senar> Acesso em: 17.mai.2019.

SESI/DN. Serviço Social da Indústria. Departamento Nacional. **Relatório anual SESI-SENAI-IEL 2017 - Serviço Social da Indústria, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, Instituto Euvaldo Lodi**. Brasília: SESI/DN, 2018. 91 p.

SILVA, C. N. da, SILVA, J. M. P. da. Território. In: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Brasil em números = Brazil in figures**. vol. 26. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. pp. 45-66.

SOTARAUTA, M. Strategy development in learning cities. From classical Rhetoric towards dynamic Capabilities. University of Tampere. **SENTE Working papers**, v. 8, 2004. 54p.

SPVENTURES, HOMO LUDENS E EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – Embrapa . **Radar Agtech**. 2019. (Base de dados de acesso restrito).

STARTSE. **Mapa do Ecossistema**. Disponível em: <https://comunidade.startse.com/> Acesso em: 27 Mai.2019.

TANSLEY, A. G. The Use and Abuse of Vegetational Concepts and Terms. **Ecology**, Vol. 16, No. 3 Jul., 1935. pp. 284-307